

BIVALÊNCIA: A IMPORTÂNCIA DA TROCA DE CONHECIMENTOS NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE FRANCÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA (FLE)

Ludimila Machado Marques (DLE-UEM), Mariele Mancebo Garcia (DLE-UEM),
Margarida da Silveira Corsi (Coordenadora do projeto), e-mail: couple20@uol.com.br

Universidade Estadual de Maringá/Departamento de Letras – Maringá – PR.

Área temática: educação.

Palavras-chave: francês, língua estrangeira, ensino/aprendizagem.

Resumo

O Projeto de extensão Bivalência: Didática Integrada do Português Língua Materna (PLM) e Francês Língua Estrangeira (FLE) objetiva trabalhar o ensino e o aprendizado do FLE, colocando em prática teorias linguísticas que contribuem para o ensino e a aprendizagem de língua(s) no curso de Letras – Português / Francês da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Assim, com base na linguística enunciativa e no princípio bakhtiniano de interação verbal, elaboramos essa comunicação a partir do trabalho realizado com alunos do referido curso, trabalho esse que é pautado numa experiência de produção e aplicação de conteúdos em sala de aula de língua estrangeira, visando à formação do aluno como sujeito capaz de interagir numa situação social, de refletir sobre seu processo de aprendizagem, e, ao mesmo tempo, de ensinar a língua estrangeira como uma das competências necessárias para o aluno que a utiliza na posição de professor.

Introdução

O Projeto de extensão *Bivalência: Didática Integrada de Português Língua Materna (PLM) e Francês Língua Estrangeira (FLE)* é um projeto idealizado e proposto pela embaixada da França no Brasil e, em Maringá, é coordenado por docentes da Universidade Estadual de Maringá (UEM), onde o mesmo está sendo desenvolvido com a colaboração de outros docentes, acadêmicos e professores de francês de outras instituições. Esse projeto objetiva trabalhar o ensino e o aprendizado de FLE de forma conjunta com a língua materna (doravante LM). Da junção do português língua materna (doravante PLM) e do francês língua estrangeira (doravante FLE) encontramos as facilidades e dificuldades no aprendizado das mesmas e, assim, podemos pesquisar e trabalhar as teorias linguísticas no âmbito do ensino/aprendizagem, comparando-as e as aplicando em sala de aula.

Materiais e métodos

Sabemos que a preocupação com a questão da aprendizagem é algo que surgiu por volta do início do século XX, foi a partir do princípio do século passado que começaram a se desenvolver trabalhos relacionados ao ensino de línguas

estrangeiras, desde então, até os dias atuais, muitas teorias foram desenvolvidas no sentido de tentar encontrar “um caminho ideal” para o ensino-aprendizagem de língua estrangeira.

De todos os trabalhos desenvolvidos no campo do ensino-aprendizagem de línguas, podemos considerar que o estudo de grande repercussão foi o modelo das 5 (cinco) hipóteses, desenvolvido por Krashen. Segundo esse autor, as cinco hipóteses sobre a aquisição de uma segunda língua são: a diferença entre aquisição e aprendizagem, ordem natural, *input*, monitor e filtro afetivo.

Na primeira hipótese, diferença entre aquisição e aprendizagem, de acordo com Yokota (2005, p. 16):

Krashen utiliza o termo “aquisição da linguagem” para referir-se ao modo natural como as habilidades lingüísticas são internalizadas, sem uma atenção consciente, e se desenvolvem num processo de construção criativa em que uma série de etapas comuns a todos os que adquirem uma determinada língua passam e que é o resultado da aplicação de regras universais. A aquisição é um processo subconsciente e a aprendizagem, ao contrário, é algo consciente, conseqüência de uma situação formal de aprendizagem ou de um programa de estudos individualizado.

Já a segunda hipótese, ordem natural, conforme Yokota (2005, p. 16):

[...] a ordem de aquisição da segunda língua é semelhante, mas não é igual à da aquisição dessa mesma língua pelos falantes nativos. Não é determinada pela simplicidade da regra que está sendo adquirida e parece não corresponder à ordem de regras gramaticais ensinadas. Essa hipótese aponta para um fenômeno universal, prevê uma correlação entre a ordem de aquisição das regras da língua e o grau de correção no seu uso.

O *input*, terceira hipótese, é definido, também por Yokota (2005, p.17), da seguinte forma: “essa hipótese se refere à aquisição e defende a necessidade de compreensão das mensagens transmitidas por meio de formas lingüísticas novas para o crescimento lingüístico.” A mesma autora (2005, p. 17) argumenta ainda que:

O ideal seria que o *input* com o qual a pessoa tenha contato seja compreensível, relevante, interessante e em quantidade suficiente, ou seja, tenha “algo mais” que possibilite a evolução da aquisição (*input* + 1). Outro aspecto importante definido por esta hipótese é que a fluência na fala não pode ser ensinada e que o indivíduo só fala quando se sente apto a fazê-lo, ou seja, que ele passará por um “período silencioso”, o que implica variações individuais.

A quarta hipótese de Krashen, o monitor, segundo Yokota (2005, p.17): “[...] se refere à aprendizagem e prevê que o conhecimento consciente de regras gramaticais atua na produção do falante de L2, levando-o a corrigir-se. O monitor é posto em funcionamento quando o foco é colocado na forma e as regras são conhecidas”.

O filtro afetivo, quinta e última hipótese de Krashen, é resumido por Yokota (2005, p.17) da seguinte maneira:

essa hipótese atribui um papel importante a fatores externos ao dispositivo de aquisição no processo de aquisição de L2. A motivação, a ansiedade e a autoconfiança, por exemplo, podem facilitar ou impedir o recebimento do *input*. Se houver baixo filtro afetivo, a aquisição se realizará, caso contrário, o filtro afetivo poderá levar ao bloqueio da aquisição ou à fossilização.

Podemos considerar que as hipóteses de Krashen merecem destaque, pois, como Yokota (2005, p.17) mesmo argumenta:

[...] oferecem uma visão científica para as diferenças entre conhecimento adquirido e aprendido, para a importância de fatores afetivos e para o papel dos “estímulos” em língua estrangeira a que está exposto o estudante. O que antes era só uma intuição baseada na experiência dos professores e aprendizes passa a ser teorizado.

Assim, ao investigarmos sobre o assunto: ensino-aprendizagem de LE, verificamos que há uma diversidade de métodos e abordagens de ensino, o que é resultado de uma busca permanente pelo sucesso do processo de ensinar e aprender uma LE.

Esses métodos e abordagens, conforme afirma Lopes (2006, p.128), “[...] vieram do exterior a partir de estudos mais acadêmicos de lingüistas aplicados, educadores, psicólogos e demais interessados nas inovações do ensino de línguas estrangeiras [...]”. Nessa perspectiva, com tantas formas disponíveis para o ensino de uma LE, é comum nos depararmos com o questionamento: “qual é a melhor forma de ensinar?”, mas, para essa pergunta, não existe uma resposta pontual, pois, como alega Lopes (2006, p. 129-130):

A razão está no fato de desconhecer-se como efetivamente um indivíduo aprende, assimila e / ou adquire uma língua. Para tornar este processo mais complexo, o contexto em que isso ocorre com uma língua estrangeira dá uma ênfase maior às quatro grandes habilidades (leitura, escrita, compreensão auditiva e fala). Portanto, são inúmeras as tentativas de acerto no que se refere a como ensinar, o que ensinar, para quem e para quê.

Dessa sorte, a procura pela “forma ideal” de ensinar e aprender uma LE está inserida em um vasto campo de possibilidades, o que acaba por abrir caminhos para

novas investigações e descobertas, as quais podem oferecer, tanto para o aluno como para o professor, a oportunidade de crescimento, o qual é o verdadeiro objetivo de toda essa busca.

No entanto, o que deve ficar claro é que não existe um método e uma abordagem ideal para serem utilizados com todos os alunos e em todas as salas de aula, o “ideal” é verificar, perceber a necessidade de cada aluno, de cada turma, e, a partir disso, buscar uma forma de ensinar que seja produtiva e prazerosa para o aluno e para o professor. Nesse sentido, Lopes (2006, p.146) afirma que: “Então, busca-se formas, materiais didáticos, e de apoio para um fim compartilhado por todos: ensinar, aprender, trocar conhecimentos, formar cidadãos para o mundo, compartilhar e respeitar necessidades e gostos. Tudo isso a partir do uso de uma LE [...]”. É também pensando estas questões que o Projeto Bivalência atua.

Discussões e resultados

Nos anos de 2008 e 2009, o projeto Bivalência passou por uma nova alteração. Agora, ele está voltado para um trabalho com os próprios alunos de graduação.

Os procedimentos permanecem os mesmos dos anos anteriores, ou seja: os alunos de graduação participantes do projeto se encarregam da elaboração de materiais didáticos que estabeleçam alguma relação entre o PLM e o FLE e, posteriormente, ministram as aulas utilizando o material previamente elaborado e revisado pelos coordenadores. Porém, nesse novo contexto, o curso passou a ser oferecido aos alunos dos segundo e terceiro anos de graduação em Letras Português/Francês, visando trabalhar a fonética e a oralidade da língua francesa.

Além disso, nesse ano de 2009, os alunos participantes do projeto são divididos em dois grupos. Enquanto um se destina a desenvolver as aulas voltadas ao exercício da fonética e da oralidade, o outro grupo se dedica a dar aulas que abordam conteúdos previamente trabalhados pelos professores dos alunos dos primeiros anos da graduação, o que funciona como uma espécie de monitoria, por meio da qual se busca reforçar o aprendizado dos estudantes da língua francesa ou sanar as dúvidas dos mesmos.

No que concerne ao grupo que trabalha a fonética e a oralidade, deixamos claro que objetivo geral de nossas aulas destinadas é, justamente, o de fazer os alunos praticarem os fonemas da língua francesa e a conversação. Enquanto os objetivos específicos são os de levar os alunos a refletirem sobre os fonemas da língua francesa, fazê-los praticar os fonemas aprendidos nas aulas e também o de levá-los a exercitar a escuta e identificação desses fonemas na referida língua.

Tendo em vista que nosso objetivo maior é trabalhar a fonética e a oralidade, buscamos sempre a preparação das aulas a partir de textos que possuam áudio. Nossas aulas se realizam no contra turno, das 18h50 às 19h20, para podermos atender o maior número possível de alunos interessados, pois esse é o horário mais acessível para eles. Dessa forma, necessitamos preparar aulas curtas, mas que atendam ao objetivo proposto.

Para ilustrarmos nosso trabalho, descreveremos, então, uma das aulas por nós aplicadas. A música escolhida foi uma canção de crianças chamada “*Au Clair de la Lune*” (“Ao luar”):

Selecionamos quatro fonemas para serem trabalhados na referida canção, os fonemas /u/, /y/, /e/ e /ɛ/. Para obtermos uma percepção mais consistente desses sons por parte dos alunos, buscamos sempre trabalhar os fonemas dois a dois, unindo sons que, para nós, falantes da língua portuguesa, são muito próximos e podem trazer dificuldades de distinção. Por isso, nessa primeira aula, trabalhamos o fonema /u/ em oposição ao fonema /y/ e o fonema /e/ em oposição ao fonema /ɛ/.

Primeiramente, fizemos com que os alunos escutassem a música para que eles pudessem ter a sua primeira impressão. Em seguida, fizemos perguntas como “*Avez-vous compris quelque chose?*”, “*Quels mots vous connaissez?*”, “*Connaissez-vous cette chanson?*” com o objetivo de verificar se os alunos compreenderam alguma coisa e de familiarizá-los com o conteúdo temático e fonológico da canção.

Depois, entregamos a letra da música aos alunos para que eles pudessem acompanhar o áudio e a escrita da mesma. Assim, tocamos a música mais uma vez e fizemos uma leitura da letra, pedindo para que cada aluno lesse uma parte.

Após, escrevemos no quadro os fonemas a serem trabalhados e explicamos quais sons cada fonema representa. Para tanto, pronunciávamos o som de um fonema e pedíamos para que os alunos repetissem. Assim fizemos com os quatro fonemas.

Feita essa explicação e esclarecidas as dúvidas, apresentamos os três exercícios propostos para essa aula: 1. *Trouvez dans le texte les mots contenant le son /u/*; 2. *Trouvez dans le texte les mots contenant le son /y/*; 3. *Identifiez où se trouvent les sons /e/ et /ɛ/*. Lemos os referidos exercícios com os alunos para que eles compreendessem o que deveria ser feito.

Na sequência, tocamos a música mais duas vezes para que eles tentassem resolver as atividades. Depois fizemos a correção dos exercícios com as explicações necessárias para sanar as dúvidas dos alunos.

Então, para concluirmos, tocamos a música mais uma vez para que os alunos pudessem observar os erros por eles cometidos na realização das atividades e a traduzimos junto com eles.

Como essa aula, as outras apresentam praticamente as mesmas etapas, alteramos apenas os áudios e os fonemas a serem trabalhados, o que ocorre de acordo com a necessidade da turma. Quando preciso, trabalhamos os mesmos sons em mais de uma aula até que esses sejam bem compreendidos por todos.

Conclusões

Pudemos observar, no decorrer do trabalho atual desenvolvido pelo projeto *Bivalência: Didática Integrada de Português Língua Materna (PLM) e Francês Língua Estrangeira (FLE)*, que houve uma melhora significativa tanto na leitura quanto na fala dos alunos participantes do curso. Por isso, acreditamos que as atividades realizadas são bastante válidas para os estudantes de língua francesa, uma vez que permitem o aperfeiçoamento das habilidades linguísticas desses alunos, assim como proporciona autonomia no aprendizado dos mesmos, a qual ocorre a partir do conhecimento dos fonemas e de uma melhora da capacidade do aluno em relacionar som/grafia. Além disso, os participantes do projeto têm a oportunidade de discutir e de difundir questões relacionadas ao processo de ensino/aprendizagem, visando uma melhora significativa tanto em sua formação

profissional como no processo de ensino do FLE, sendo essa uma das maiores contribuições desse projeto.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

LEFFA, Wilson J. Metodologia do ensino de línguas. In: BOHN, H.; VANDRESEN, P. (orgs.). **Tópicos de Linguística Aplicada.** O ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis: UFSC, 1988.

LOPES, Maria Cecília. Metodologia de Ensino de Língua Inglesa: Retrospecto e Perspectivas. In: SPARANO, Magali, DI IORIO, Patricia L., LOMBARDI, Roseli F. (org.). **A Formação do Professor de Língua (s):** Interação entre o Saber e o Fazer. São Paulo: Andross, 2006.

RIBAS, Aglaé Terezinha Moro CORSI, Margarida da Silveira; GOMES, Edson J. (orgs.). **Relação língua materna/língua estrangeira:** historicidade e conceitualização de alternância de códigos lingüísticos e interlíngua. Maringá: Eduem, 2006 (Coleção Fundamentum, n.28).

YOKOTA, Rosa. Aquisição/aprendizagem de línguas estrangeiras – aspectos teóricos. In: BRUNO, Fátima Cabral (org.). **Ensino-Aprendizagem de Línguas Estrangeiras:** Reflexão e Prática. São Carlos: Claraluz, 2005.